NAGAFUJI FLUTUAVA na água da banheira, com os braços e pernas esticados em todas as direções, tão nua quanto no dia em que nasceu. Deitada de costas, o ponto mais alto do seu corpo era o peito. Você pensaria que seria o nariz, como em uma pessoa normal, mas não. *Maldita Nagafuji.*

"Deve ser ótimo ter uma banheira enorme!"

"Um dos privilégios de ser rica," respondi distraída enquanto ensaboava meu cabelo.

Admito, a banheira da casa da Nagafuji era uma relíquia da época em que a casa foi construída — ou seja, eras atrás — e era tão pequena que nem dava para esticar as pernas completamente. Nós duas cabíamos ali tranquilamente quando éramos crianças, mas hoje em dia seria impossível. Principalmente por causa da Nagafuji.

"*Ah*, estou tão feliz!"

Para expressar sua alegria, ela chutou a água com os pés. O impulso a fez deslizar até o lado da banheira, onde bateu a cabeça e afundou como uma

pedra. Ela estava agindo como uma criança em um *ryokan*, e eu estava aterrorizada com a ideia de que ela pudesse querer transformar isso em um hábito regular.

Depois do banho, sentamos na beira da varanda para relaxar. Mas, para ser honesta, não dava exatamente para “relaxar” com a Nagafuji encostada em mim… e, mesmo assim, eu não conseguia me afastar.

“Olha só o céu,” murmurou Nagafuji, com a boca levemente aberta. Foram as primeiras palavras que disse desde que saímos da banheira. “Eu gosto de dias com vento. É mais fácil ver as estrelas.”

“Hã? Ah… é, acho que sim…”

Se tivesse que adivinhar, provavelmente era o movimento rápido das nuvens que mantinha as coisas interessantes. Não que Nagafuji pensasse tão profundamente assim, claro. Ela aceitava tudo no mundo pelo valor superficial, sem analisar demais, para o bem ou para o mal.

"Além disso, vocês têm um quintal enorme, cheio de verde pra olhar. Eu amo esse lugar."

Mais uma vez, ela elogiava minha casa. Eu, pessoalmente, tinha uma opinião bem diferente. Se ela viesse aqui com frequência o suficiente até perder o entusiasmo, perceberia o quão cansativo era morar aqui.

"Ah, sei não. Queria que minha casa fosse pequena como a sua." Assim não demoraria tanto pra ir de um cômodo ao outro.

"Uau. Você é tão gananciosa."

"Com licença? Se tem algo que eu não sou, é gananciosa! Estou dizendo que quero *menos*!"

"Ah. Faz sentido," ela deu de ombros casualmente, balançando os pés enquanto eles pendiam da varanda. "Quer trocar?"

"Hum. Essa é uma ideia interessante."

"Se fosse tão fácil assim, eu trocaria num piscar de olhos. E levaria todos os meus irmãos e empregadas comigo. Como será que um cara como o Goushirou se sairia morando na casa da Nagafuji? Quando tentei imaginar, quase comecei a rir. Com o jeito dele, provavelmente pegaria uma régua e mediria o espaço entre cada item na prateleira pra garantir que estivesse *perfeito*. Vai saber — talvez ele fosse um bom açougueiro mesmo.

De repente, Nagafuji encostou o corpo em mim.

"Você… já cansou de olhar pro céu ou algo assim?"

Então, ela pegou minha mão… e levou… *em direção ao peito dela*…?!

Sem dizer uma palavra, minha palma pressionou contra ela. Desconcertada, fiquei olhando, atônita. Ela riu. "Pensei em deixar você tocar de vez em quando, já que gosta tanto delas."

"O-o quê?! Olha aqui, você…!"

“Tá vendo como eu sou legal? Só não aperta, tá?”

Por que eu faria isso?! Fiquei vermelha até as orelhas enquanto permanecia completamente imóvel, com minha mão no peito da Nagafuji. Não conseguia sentir quase nada, além dos dedos dela segurando meu pulso.

“Tá gostando?”

“É bem quente.” Não só ela, mas meu rosto também. *O que a gente tá fazendo agora?* Nem conseguia olhar pra ela. “Certo, já chega. Valeu.”

Incapaz de aguentar por mais tempo, tirei minha mão. Mas, naquele instante—

“Ei!”

—Nagafuji agarrou minha cabeça e me puxou para perto. Pega de surpresa, caí contra o peito dela. O calor do corpo pós-banho me fez começar a suar tudo de novo.

“Cara, o que tá acontecendo com *você* hoje?”

"Você é tão fofa, Hino!"

Ela acariciou a toalha entre sua mão e meu cabelo, quase como se eu fosse o bichinho de estimação querido dela ou algo assim. Ela era tão direta com os elogios... Isso era o que mais me deixava sem jeito. Enquanto bagunçava minha toalha, parecia que eu estava vendo o verdadeiro lado dela.

Na escola primária, os professores a tratavam como uma desmiolada, mas, no fundo, ela era apenas muito, muito aberta e honesta. Considerando que ela aceitava tudo de forma literal, provavelmente lidava com seus próprios sentimentos da mesma maneira… e eu simplesmente não conseguia encontrar um jeito de lidar com isso. Eu, por outro lado, nunca seria tão aberta sobre mim mesma. O máximo que conseguia fazer era disfarçar o constrangimento com sarcasmo.

"Você gosta bastante de mim, hein?"

"Com certeza!"

…Pelo menos fique um pouco vermelha, vai?

~Pensamento de Hoje da Adachi~

Quando vi o sorriso puro e inocente no rosto da Shimamura, percebi: *Ah, isso é um sonho. O que significa que posso pedir qualquer coisa, certo? Certo?*

Decidida, abri os braços bem largos. "Sh-Shimamura! Quero uma carona nas costas! E cafuné! E um abraço bem apertado! E—"

"Me dá um tempo!"

Ela sorriu sem graça, e eu pensei: *Meu Deus, e se isso não for um sonho, afinal?* Mas, antes que eu pudesse entrar em pânico, de repente me vi encarando um teto escurecido. Meu coração disparava. Apertei o peito.

Cérebro, por favor, só me deixa dormir.